

Índio brasileiro expõe em Tóquio

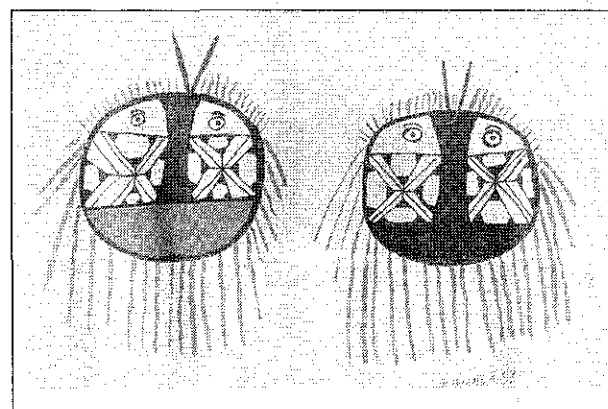
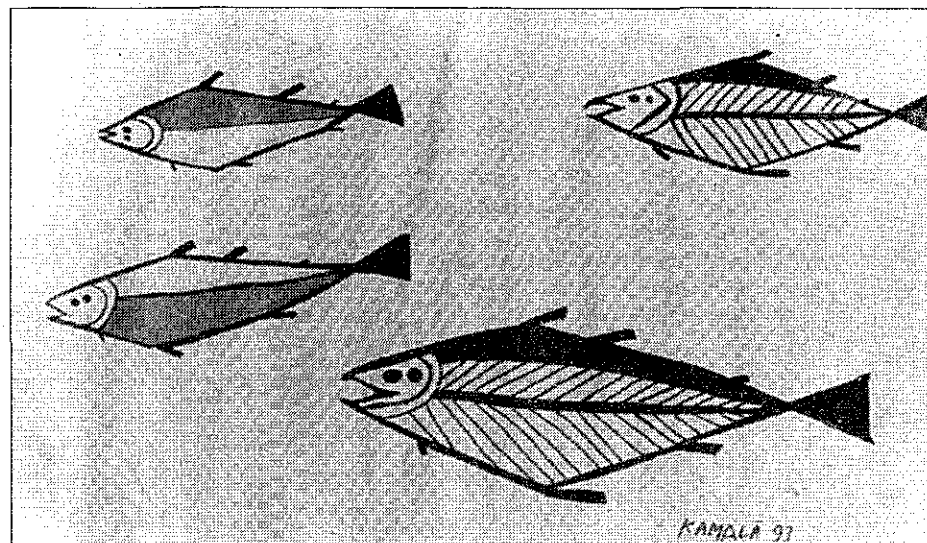
Com status de artista, um índio brasileiro parte rumo à disciplinada selva da microeletrônica. Entre 14 de setembro e 22 de outubro, Kamalá Mehinako, 23, expõe seus quadros bem longe da Amazônia: no Petit Musée de Tóquio.

“Vou dançar também”, completa o nativo do Xingu, que entende pouco português e fala pior ainda. Pai de quatro filhos e sem nunca ter viajado para o exterior, ele se tornou a atração principal da mostra *The Spiritual Life - Life and Culture of Amazon Indians*.

Além das pinturas de Kamalá, para ocasião estão programados simpósios e cursos rápidos sobre a cultura brasileira. Há seis anos, os japoneses vêm apoiando projetos junto às comunidades do Parque Indígena do Xingu e da Área Indígena Menbengokrê (Kayapó), nos estados do Mato Grosso e Pará.

Está programado ainda, paralelamente, a exposição do fotógrafo japonês Hibiki Kobayashi, com fotos tiradas em 1993, na aldeia Kamaiurá (Xingu). Cédidas por colecionadores particulares ou por organizações não governamentais, peças de artesanato enriquecem a festa cultural indígena na terra do sol nascente.

Promovido pelo Centro Visão e Imagem Indígena e a Amazon — Rainforest Foundation, o evento faz



Os trabalhos de Kamalá são feitos em tinta guache alemã, que de acordo com Paulo Pinagé é um produto menos tóxico, que não prejudica a natureza

parte das comemorações do centenário da Assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Ecológico — De passagem marca-

da para a capital japonesa, a coleção de pinturas de Kamalá foi coletada por Paulo Pinagé, da Rainforest Foundation. “Todos os trabalhos são feitos em tinta guache alemã, o produto me-

nos tóxico que há no mercado”, esclarece o indigenista.

Leves como a natureza. As obras de Kamalá exploram o universo simbólico — os mitos — da cultura da tribo Mehinako. Nelas tanto as cores primárias como os elementos figurativos são uma constante. Os resultados finais não devem agradar apenas antropólogos ou estudiosos. Parecem ser universalmente belos.

“Os japoneses quiseram catalogá-lo como *naive* (ingênuo), mas para mim o que ele faz mesmo é arte primitiva”, defende Paulo.

Kamalá também será responsável por três workshops. Um sobre técnicas de pintura corporal, que na língua dele se chama *Ianaí*. Já os outros dois são dirigidos para os interessados na confecção de brinquedos indígenas, seja em madeira ou palha, seja em cera de abelha.

“Este último vem sendo esperado ansiosamente pelos japoneses devido a semelhança com o Mitsurô, a arte milenar de criar miniaturas com cera de abelha, que anda meio esquecida com a crescente onda de ocidentalização do país”, conta Paulo.

CD
5/19/95
DPP/DA/030
29 4
Documentação